

Eleonora Zampieri e Andrea Frizzera

“A fraternidade é essencial”

Dois académicos italianos especializados na Roma Antiga estiveram em Portugal para falar das emoções na política, no âmbito da Celtic Conference in Classics, organizada pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A VISÃO falou com eles

Como se faziam as eleições na República romana?

Eleonora Zampieri: Estudei em particular as campanhas eleitorais entre o segundo e o primeiro século antes de Cristo e todos os anos o tipo de governo mudava, com magistrados eleitos em assembleias. A competição era feroz e a campanha eleitoral permanente. Ali não se poupava ninguém, faziam-se ataques pessoais, ofensas até à aparência física dos competidores e às suas qualidades (ou falta delas) morais. Um tipo de campanha mais parecida com a que acontece agora nos EUA do que na Europa. Conspirava-se muito e recordo a história de um senador, Lúcio Sérgio Catilina, que conspirou contra Cícero, o famoso orador. Este, para o esmagar, exagerou bastante no sentimento de medo, na sua oratória, contra o perigo que Catilina representava, para o condenar, por um lado, e também para depois aparecer como o salvador da República e, de facto, ficar na História como “pai da Pátria”.

As emoções não mudam.

Eleonora Zampieri: Não. Sendo o medo uma das principais, mas também um sentimento de pertença. Bom, as mulheres estavam obviamente excluídas, mas estes senadores, sendo nobres, faziam questão de se mostrar humildes durante a campanha eleitoral, misturar-se com a plebe, conviver com ela porque eram todos cidadãos. E os nobres tinham muito cuidado para não mostrar a clivagem social no trato com a plebe porque o poder vinha do povo.

Algo que o império veio resolver.

Andrea Frizzera: Bom, não tinham de andar em campanha, mas em certa medida os imperadores comportavam-se da mesma forma com a plebe, era uma cultura política, andar entre os cidadãos de Roma, comportar-se como eles. Estamos a falar de tempos de grande violência, portanto, uma das emoções mais apreciadas pelo povo era a clemência.

A ideia de perdoar aos inimigos era algo de grandioso. E o imperador, para ser amado, não tinha de ser apenas temido. Por exemplo, dizia-se que Júlio César era “um homem de coração”.

E morreu daquela maneira...

O imperador era o “pai”, um deus. Mas havia sentimentos de fraternidade.

Andrea Frizzera: Sim, isso era importantíssimo. Entre os soldados, o valor da comunidade e da fraternidade era essencial. E a ideia da República não desapareceu completamente com o império, por isso era bem-visto que o imperador agisse ao serviço dos cidadãos.

Porque o inimigo era sempre o bárbaro.

Andrea Frizzera: Há nuances, diferentes períodos do Império Romano. Sim, o perigo vinha do elemento externo e havia relutância em incluí-lo. Mas houve períodos em que foi concedida a cidadania romana a todas as pessoas livres que vivessem nos territórios do império (exceto as mulheres, de novo). O imperador Caracala fez isso. Era conveniente. Primeiro porque os cidadãos pagavam impostos e integravam o exército. E também porque Roma ficava tão longe que criar esse sentimento de pertença facilitava na colaboração com as elites locais. Respeitava-se a cultura e a religião locais e isso era também uma forma de controlo, de manutenção do poder. A inclusão acabava por ser benéfica, economicamente falando.

sobre o impacto do colonialismo. Falar da realidade não é atacar a honra do país, o debate é bem mais complexo do que isso”, continua o investigador.

A narrativa da grandeza (“Make America Great Again”), a recuperação do passado glorioso, o orgulho como “combustível da identidade coletiva”, segundo Lisete Mónico, é uma emoção altamente manipulável, tal como o medo, mas é uma emoção positiva, mobilizadora.

As emoções negativas são normalmente mais eficazes nos discursos políticos porque “o ser humano guarda mais memórias dos eventos negativos e os seus impactos são mais duradouros e mais difíceis, digamos assim, de recuperar”, adianta a psicóloga. Mas sem as emoções negativas, esse sentimento de pertença, orgulho, empatia ou esperança, ninguém aguentaria tanta negatividade.

O LÍDER E O POVO

Empatia, compaixão, solidariedade. Os movimentos sociais progressistas e a esquerda em geral gostam de se situar aqui, na fratria, e muitas vezes julgam que estas emoções estão arredadas dos populismos da direita radical. Nada mais errado.

“Onde é que eu me posiciono? Digamos que sou um líder populista. Vou então usar essas emoções positivas no meu grupo, seja o povo português, a lealdade para com as forças policiais, os bombeiros, os soldados que defendem a pátria. O desporto competitivo dá-nos um sentido de união do grupo. Existe todo um conjunto de emoções positivas, compaixão, solidariedade, amor, apoio, alegria, euforia, relativamente àqueles que consideramos que são exemplares do nosso grupo”, descreve Lisete Mónico.

E também há amor, sim... pelo líder. “O líder acaba por obter uma dimensão mitológica, uma pessoa que consegue enfrentar heroicamente os problemas da sociedade. O amor pelo líder representa duas dimensões contrapostas: uma é a ordinariade, uma pessoa que compreende facilmente a realidade social das pessoas comuns; a outra é a extraordinariade, uma pessoa que consegue fazer coisas que ninguém conseguiu fazer até aquele momento, em prol da sociedade”, acrescenta Cristiano Gianolla.

Nos populismos atuais, como nos históricos, o líder devolve a voz ao povo. “Existe um povocentrismo, os

